**ARÉA TEMÁTICA: Taxonomia**

**SUBÁREA TEMÁTICA: Invertebrados**

**POLIQUETA DO GÊNERO *Alitta* EM OSTRAS CULTIVADAS NO ESTUÁRIO DO TRAMATAIA, MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA, PARAÍBA, BRASIL**

Silvio Felipe Barbosa Lima1, Francisco de Assis da Silva2, José Marcelino de Lima Silva3, Gil Dutra Furtado4, Dimítri de Araújo Costa4,5

1 Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras*.* E-mail (SFBL): sfblima@gmail.com

2 Ministério da Saúde da República Federativa do Brasil, João Pessoa - PB. E-mail (FAS): assismandela@gmail.com

3 Superintendência de Administração do Meio Ambiente, João Pessoa - PB*.* E-mail (JMLS): jmarcelinopescador@hotmail.com

4 Environmental Smoke Institute, João Pessoa - PB*.* E-mail (GDF): gdfurtado@hotmail.com

5 Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental (CIIMAR), Universidade do Porto, Matosinhos – Portugal. E-mail (DAC): dimitricostapb@hotmail.com

**INTRODUÇÃO**

Ao longo dos anos, a pesca de moluscos tem sido a fonte de alimento e de sustento de muitas famílias de pescadores. No entanto, a sobrepesca associada à urbanização e industrialização, tem provocado degradação dos recursos naturais comprometendo a atividade econômica (Chagas e Herrmann, 2016). A malacocultura em cativeiro surge como uma alternativa viável para tentar recompor os estoques naturais de espécies de importância social e econômica, visando controlar o aumento de produção desses organismos benéficos para o homem (SEBRAE, 2015). Dentro deste contexto, a ostreicultura destaca-se como uma atividade em expansão, devido à viabilidade socioeconômica e ambiental (Chagas, 2016).

A ostreicultura requer pouco recurso técnico, devido ao custo relativamente baixo para instalação dos cultivos, com materiais de simples obtenção, facilidade na captação de sementes, no manuseio, além do rápido retorno de capital. A ostreicultura é extremamente viável para o desenvolvimento dos pescadores artesanais, promovendo aumento da renda familiar, diminuição do uso da pesca extrativista pela comunidade local e o aumento da preocupação ambiental dos pescadores (SEBRAE, 2010). O Brasil se destaca por apresentar grande potencial para o desenvolvimento da ostreicultura devido ao extenso litoral (cerca de 8.000 km) e a existências de áreas com produtividade primária elevada, notadamente, estuários, baías e enseadas (Ostini e Poli, 1990). Dentre as espécies de ostras cultivadas no litoral brasileiro, destacam-se: *Crassostrea brasiliana* (Lamarck, 1819) e *Crassostrea rhizophorae* (Guilding, 1828).

Um dos principais entraves do cultivo de ostras pode estar relacionado à ocorrência de parasitas que podem comprometer a qualidade e até inviabilizar a produção (Vieira, 2014). Dentre os parasitas de ostras, destacam-se poliquetas que são metazoários bentônicos usualmente de vida livre (Fauchald e Jumars, 1979; Paiva, 2006). Os poliquetas da família Spionidae Grube, 1850 são bem conhecidos por parasitarem ostras do gênero *Crassostrea* Sacco, 1897(Sabry e Magalhães, 2005; Radashevsky et al., 2006; Maciel et al., 2010; Sabry et al., 2013; Radashevsky e Migotto, 2016). Poliquetas da família Nereididae Fauchald, 1977 também atuam como parasitas de membros da família Ostreidae Rafinesque, 1815, porém havendo poucos estudos sobre a questão. Por exemplo, Cova et al. (2015) reportou a espécie *Alitta succinea* (Leuckart, 1847) atuando como parasita da ostra *C. rhizophorae* (Guilding, 1828). De acordo com Zeidan et al. (2012) estudar as doenças parasitárias em moluscos são de extrema importância, pois obtêm-se conhecimentos indispensáveis para a gestão da Ostreicultura e manutenção de tal recurso pesqueiro.

O presente estudo visou registrar o parasitismo de poliqueta nereidídeo a ostras cultivadas na Associação de Pescadores e Aquicultores da Praia da Penha, João Pessoa, Paraíba, nordeste do Brasil.

**MATERIAL E MÉTODOS**

**Coleta e análise do material**

Em abril e maio de 2016, ostras provenientes de cultivo da Associação de Pescadores e Aquicultores da Praia da Penha, em caixas de 1000 litros, foram coletadas no estuário do Tramataia, João Pessoa-PB (7º12’17.29”S, 34º48’16.14”O), transferidas para caixas plásticas menores contendo água do estuário e encaminhadas até esta associação para a etapa inicial do estudo. As ostras foram abertas com auxílio de uma faca pela separação dos músculos adutores das valvas e, em seguida, examinadas quanto à presença de poliquetas parasitas.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante o cultivo de ostras, observou-se a presença de poliquetas sobre indivíduos do gênero *Crassostrea* sp. Em abril de 2016, 50 indivíduos de *Crassostrea* sp. foram coletados e abertos, sendo encontrados 29 ostras cada com um poliqueta associado. Em maio de 2016, 28 indivíduos de *Crassostrea* sp. foram coletados e abertos, sendo encontrados 16 ostras cada com um poliqueta associado. O poliqueta encontrado foi identificado como pertencente à família Nereididae Blainville, 1818 e gênero *Alitta* Kinberg, 1865 (Figura 1).



 **A** **B**

**Figura 1**. Poliqueta do gênero *Alitta* Kinberg, 1865 em ostras cultivadas no estuário do Tramataia: A. Indivíduos de *Crassostrea* sp.; B. Parte interna da valva, a qual está desprovida de partes moles mostrando um poliqueta do gênero *Alitta.* Fotos: Dimítri Costa.

Bonifácio (2009) registrou os poliquetas spionídeos *Polydora websteri* Hartman in Loosanoff & Engle, 1943 e *Boccardiella ligerica* (Ferronnière, 1898), além do serpulídeo *Ficopomatus* sp. parasitando ostras na costa de Pernambuco, as duas primeiras apresentando capacidade de perfurar conchas dos bivalves. O poliqueta *Alitta succinea* (Leuckart, 1847) foi estudado em relação interespecífica parasítica com a ostra *C. rhizophorae* (Guilding, 1828) atuando na perfurando de conchas do Ostreidae Rafinesque, 1815 possibilitando assim a entrada de lama na estrutura (Cova et al., 2015). Outro poliqueta, *Polydora websteri*, também provoca a formação de vesículas conhecidas como bolhas de lodo na parte interna das valvas de ostreídeos (Maciel et al., 2010). Ambas as espécies ocasionam uma doença nos bivalves chamada polidariose, a qual provoca má aparência em conchas limitando o valor comercial das ostras (Maciel et al., 2010; Cova et al., 2015).

**CONCLUSÕES**

A associação entre poliquetas e moluscos provenientes da costa brasileira necessita ser amplamente estudada a fim de se entender e evitar potenciais prejuízos a malacocultura, especialmente, a ostreicultura, praticada em toda costa do país, a qual possibilita a produção de ostras de modo fácil e barato para o sustento de muitas famílias de pescadores.

**REFERÊNCIAS**

Bonifácio, P.H.O. 2009. Polidorídeos (Polychaeta: Spionidae) em *Crassostrea rhizophorae* (Mollusca: bivalvia) de cinco rios da costa pernambucana. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal). Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Zoologia, Recife, 47 p.

Chagas, R.A. 2016. Biofouling no cultivo da ostra-do-mangue *Crassostrea rhizophorae* (Guilding, 1828) (Bivalvia: Ostreidae) em um estuário amazônico. Monografia (Engenharia de Pesca) Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 116 p.

Chagas, R.A. & M. Herrmann. 2016. Estimativas de crescimento de bivalves tropicais e subtropicais: recomendação para um método padronizado. Acta of Fisheries and Aquatic Resources, Aracaju, 4 (2): 28-38.

Cova, A.W.; M. Serafim Júnior, G. Boehs & J.M. Souza. 2015. Parasites in the mangrove oyster *Crassostrea rhizophorae* cultivated in the estuary of the Graciosa River in Taperoá, Bahia. Brazilian Journal of Veterinary Parasitology, Jaboticabal, 24 (1): 21-27.

Fauchald, K. & P.A. Jumars. 1979. The diet of worms: a study of polychaete feeding guilds. Oceanography and Marine Biology, Washington, 17 (1): 193-284.

Maciel, M.L.T.; D.P. Ibbotson & A.R.M. Magalhães. 2010. Polidiariose em ostras *Crassostrea gigas* cultivadas na Praia da Ponta do Sambaqui, Florianópolis, Santa Catarina – Brasil. Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science, São Paulo, 47 (5): 337-345.

Ostini, S.E. & C.R. Poli. 1990. A situação do cultivo de moluscos no Brasil. Bogotá, CIID, 1990.

Paiva, P.C. 2006. Filo Annelida. Classe Polychaeta, p. 261-298. In: Lavrado, H.P. & B.L. Ignacio (Orgs). Biodiversidade Bentônica da Região Central da Zona Econômica Exclusiva Brasileira. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 389 p.

Radashevsky, V.I. & A.E. Migotto. 2016. First report of the polychaete *Polydora hoplura* (Annelida: Spionidae) from North and South America and Asian Pacific. Marine Biodiversity, Heidelberg, 47 (1): 1-10.

Radashevsky, V. I.; P.C. Lana, R.C. Nalesso. 2006. Morphology and biology of *Polydora* species (Polychaeta: Spionidae) boring into oyster shells in South America, with the description of a new species. Zootaxa, Auckland, 1353 (1): 1-37.

Sabry, R.C. & A.R.M. Magalhães. 2005. Parasitas em ostras de cultivo (*Crassostrea rhizophorae* e *Crassostrea gigas*) da Ponta do Sambaqui, Florianópolis, SC. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, Minas Gerais, 57 (2): 194-203.

Sabry, R.C.; T.C.V. Gesteira, A.R.M. Magalhães, M.A. Barracco, C. Guertler, L.P. Ferreira, R.T. Vianna & P.M. Silva. 2013. Parasitological survey of mangrove oyster, *Crassostrea rhizophorae*, in the Pacoti River Estuary, Ceará State, Brazil. Journal of Invertebrate Pathology, London, 112 (2): 24-32.

SEBRAE. 2010. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Como montar um negócio para criação de ostras. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/setor/aquicultura-e-pesca. Acesso em: 12/02/2017.

SEBRAE. 2015. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Aquicultura no Brasil: Série Estudos Mercadológicos. Disponível em: <www.sebrae.com.br>. Acesso em: 13/02/2017.

Vieira, C.B. 2014. Estudo da Perkinsiose em ostras *Crassostrea gasar* cultivadas no Estuário do Rio Mamanguape (PB). Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 52 p.

Zeidan, G.C.; M.S.A. Luz & G. Boehs. Parasites of economically important bivalves from the southern coast of Bahia State, Brazil. Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária, Minas Gerais, 21 (4): 391-398.